

MARTIN AMIS

# Lionel Asbo

*Estado da Inglaterra*

*Tradução*

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Martin Amis  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Lionel Asbo

*Ilustração da capa*

© David Hughes

Trecho de “Hey Jude”, letra de John Lennon/ Paul McCartney

copyright © 1968 Sony/ ATV Tunes LLC

Trecho de “Mean Mr. Mustard”, letra de John Lennon/ Paul McCartney

copyright © 1969 Sony/ ATV Tunes LLC

Direitos administrados por Sony/ ATV Tunes LLC

Trechos de “Creation; Four Angels; Lycaon; Flood” em *Tales from Ovid* de Ted Hughes

copyright © 1997 by Ted Hughes.

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Thaís Totino Richter

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Amis, Martin

Lionel Asbo : Estado da Inglaterra / Martin Amis ; tradução

Rubens Figueiredo — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2373-5

1. Ficção inglesa 1. Título.

---

13-12816

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

## PARTE UM

2006: Desmond Pepperdine, o Menino da Renascença, 11

## PARTE DOIS

2009: Lionel Asbo, Sortudo da Loteria, 91

## PARTE TRÊS

2012: Cilla Dawn Pepperdine, a Criança de Colo, 183

## PARTE QUATRO

2013: Quem? Quem?, 301

## PARTE UM

Quem foi que deixou os cães entrarem?

... Essa, tememos, será a questão.

Quem foi que deixou os cães entrarem?

Quem foi que deixou os cães entrarem?

Quem?

Quem?

# 2006: Desmond Pepperdine, o Menino da Renascença

1

*Cara Jennaveieve,*

*Estou tendo um caso com uma mulher mais velha. É uma senhora de certa sofisticação e representa uma mudança revitalizante em comparação com as adolescentes que conheço (como Alekra, por exemplo, ou Chanel). O sexo é fantástico e acho que estou apaixonado. Mas existe outra complicação séria, que é a seguinte: ela é minha avó!*

Desmond Pepperdine (Desmond, Des, Desi), autor desse documento, tinha quinze anos e meio. E sua caligrafia, no momento, era de uma elegância tímida; as letras tendiam a se inclinar para trás, mas ele, com toda a paciência, as obrigava a inclinar-se para a frente; e quando tudo estava suavemente unido, adicionava pequeninos floreios (seu *e* era sem dúvida ornamental — como um W virado de lado). Usando o computador que agora compartilhava com o tio, Des resolveu fazer um curso completo de caligrafia, entre vários outros cursos.

*O lado bom da história é que a diferença de idade é surpreendentemente*

Ele riscou esse trecho e recomeçou.

*Começou faz quinze dias quando ela telefonou e disse é o encanamento de novo querido. E eu respondi vó? Vou já para aí. Ela mora num apartamento de vovó embaixo de uma casa a mais ou menos um quilômetro e meio e toda hora acontece alguma coisa errada com o encanamento. Só que não sou encanador mas aprendi um pouco com meu tio George que trabalha no ramo. Consertei para ela e ela disse por que não fica e toma uns drinques?*

Curso de caligrafia (e sociologia, antropologia e psicologia), mas o de pontuação ainda não. Ele era bom em soletrar palavras, o Des, mas sabia como era fraco em pontuação, porque tinha acabado de começar um curso sobre isso. E a pontuação, ele (com toda razão) intuiu, era uma espécie de arte.

*Então tomamos alguns Dubonnet, com o qual não estou habituado, e ela ficou me olhando daquele jeito engraçado. Ficou tocando Beatles o tempo todo e ela tocou as músicas mais lentas, feito Golden Slumber's, Yesterday e She's Leaving Home. Depois vovó falou está muito quente aqui vou ali um instantinho só para vestir minha camisola. E voltou de baby-doll!*

Ele estava tentando se educar — não em Squeers Free, recentemente eleito, ele tinha lido no *Diston Gazette*, o pior colégio da Inglaterra. Mas seu entendimento do planeta e do universo tinha lacunas inconcebíveis. Ele ficava repetidamente desconcertado com a tonelagem daquilo que ignorava.

*E aí tomamos mais uns drinques e fui notando como ela era bem conservada. Cuida bem de si mesma e está de fato em grande forma, considerando a vida que levou. Então depois de mais alguns drinques ela diz você não está morrendo de calor dentro desse paletó? Venha para cá meu doce e me faça um cafuné! Bem o que eu podia fazer? Ela pôs a mão na minha coxa e enfiou por*

*baixo do meu calção. Puxa eu sou só um ser humano, não é mesmo? O som estéreo estava tocando “I Should of Known Better” — mas uma coisa leva a outra, e foi uma loucura!*

Por exemplo, o único jornal nacional que Desmond tinha lido na vida era o *Morning Lark*. E Jennaveieve, sua destinatária, era sua tia angustiada — melhor dizendo, sua tia extasiada. A página que ela comandava consistia de minuciosos relatos de relações talvez completamente imaginárias, e as respostas dela eram jogos de palavras obscenos seguidos por um ponto de exclamação. O relato de Desmond não era imaginário.

*Agora você pode acreditar em mim quando digo que tudo isso é muito “fora do normal”. Nunca ninguém imaginou fazer isso! Tudo bem a gente mora em Diston, onde esse tipo de coisa não é muito malvisto nem nada. E, tudo bem, minha avó teve uma mocidade pernicioso. Mas é uma mulher respeitável. O negócio é que ela ia comemorar em breve uma data importante de aniversário e admito que isso acabou virando a cabeça dela. Quanto a mim, minha formação é estritamente cristã pelo menos do lado de meu pai (pentecostal). E veja bem, Jennaveieve, tenho vivido muito infeliz desde que mamãe, Cilla, faleceu três anos atrás. Não consigo encontrar as palavras. Eu precisava de carinho. E quando vovó me tocou daquele jeito. Bem.*

Des não tinha a menor intenção de enviar a carta para Jennaveieve (cujo corpo parcialmente nu também ornamentava o cabeçalho da página, não a Tia do Êxtase, mas o Anjo da Angústia). Ele estava escrevendo apenas para aliviar a mente. Imaginava a resposta de Jennaveieve, leal e isenta de críticas. Algo como: *Pelo menos você está dando grandes alegrias para a vovó!* Des continuou a escrever:

*À parte a questão legal que me mata de preocupação, tem um outro enorme problema. O filho dela, Lionel é meu tio, e é como um pai para mim quando não está na prisão. Veja ele é um criminoso*

*extremamente violento e se descobrir que estou trepando com a mãe dele, vai me matar e fazer em pedacinhos. Literalmente!*

Talvez se deva dizer que isso era uma grave subestimação da ideia que Lionel tinha acerca de transgressão e retaliação... O objetivo imediato, para Des, era dominar o apóstrofo. Depois disso, os arcanos dos dois-pontos e do ponto e vírgula, o hífen, o travessão, a barra.

*O lado bom da história, a diferença de idade não é tão grande assim. Veja a vovó Grace começou muito cedo e ficou grávida quando tinha doze anos, igual à minha mãe*

Ele ouviu o barulho pesado da tranca da porta, olhou com horror para seu relógio de pulso, tentou se pôr de pé sobre as pernas dormentes — e de súbito lá estava Lionel.

## 2

Lá estava Lionel, uma forma grande e branca, encostado na porta aberta, com o punho erguido e apertado contra a testa, a respiração ofegante e rouca e exalando um débil vapor cinzento em sua camiseta regata roxa (o elevador andava se comportando mal e o apartamento ficava no terceiro andar — mas na verdade Lionel podia exalar vapores até quando cochilava na cama numa tarde sossegada). Debaixo do outro braço trazia um carregamento de cerveja *lager*. Duas dúzias, envoltas em polietileno. Marca: Cobra.

“Voltou mais cedo, tio Li.”

Ele ergueu a mão calejada. Os dois ficaram esperando. Em seu aspecto exterior, Lionel era o típico brutamontes — o corpo semelhante a uma laje, a cara feito um bloco inteiriço, a coroa da cabeça com o cabelo raspado bem curto e restolhos de uns pelinhos castanhos. Soltos pelas cidades do mundo, havia centenas de milhares de jovens muito parecidos com Lionel Asbo.



Sob certas luzes e em certos cenários, algumas pessoas diziam, ele parecia o atacante Wayne Rooney, o prodígio da Inglaterra e do Manchester United: não extraordinariamente alto nem gordo, mas excepcionalmente largo e excepcionalmente *profundo* (Des via o tio todos os dias, e Lionel sempre parecia ter um tamanho um número maior do que ele esperava). Tinha até o sorriso de Rooney, com aquela falha nos dentes. Bem, os incisivos superiores eram amplamente espaçados, embora Lionel raramente sorrisse. Só se viam os dentes quando ele fazia cara de escárnio.

“O que você está fazendo aí com essa *caneta*? O que está escrevendo? Desembucha.”

Des tratou de pensar rápido. “Eh, é uma coisa de poesia, tio Li.”

“*Poesia?*”, exclamou Lionel, sobressaltado, dando um passo para trás.

“Pois é. Um poema chamado *A rainha das fadas*.”

“O *quê?*... Às vezes você me deixa maluco, Des. Por que não vai para a rua quebrar umas vidraças? Isso não é saudável. Ah, sim, escute só. Sabe aquele babaca que cobri de porrada no pub na outra sexta-feira? O sr. Ross Knowles, lembra? Pois ele vai me processar. Me dedurou para a polícia. Nem dá para acreditar.”

Desmond sabia como Lionel podia se sentir sobre esse tipo de coisa. Certa noite no ano anterior, Lionel chegou em casa e encontrou Des no sofá de couro sintético preto, inocentemente jogado na frente da televisão, vendo o programa *Crimewatch*, sobre crimes não desvendados. O resultado foi uma das mais longas e ruidosas séries de bofetadas que ele já recebeu das mãos do tio. *Eles estão pedindo às pessoas*, disse Lionel, de pé diante da tela colossal, com as mãos na cintura, *para dedurar os próprios vizinhos*. *Crimewatch é que nem um... um programa para pedófilos, pode crer*. Me dá nojo. Então Des perguntou:

“Ele procurou a justiça? Ah, isso... isso é... a coisa mais baixa de todas as coisas mais baixas, sinceramente. O que é que você vai fazer, tio Li?”

“Bom, andei perguntando por aí e descobri que ele é um cara que vive sozinho. Mora num conjugado. Quer dizer que não tem ninguém que eu possa pegar para aterrorizar. A não ser ele mesmo.”

“Mas ele continua no hospital.”

“E daí? Vou levar para ele um cacho de uvas. Você cuida da comida dos cachorros para mim?”

“Pode deixar. Só que estamos sem pimenta Tabasco.”

Os cachorros, Joe e Jeff, eram os pit bulls psicopatas de Lionel. O domínio deles era a estreita varandinha da cozinha, onde, o dia inteiro, os dois ficavam rosnando, andando para lá e para cá, e rodopiando — e levavam adiante sua guerra de latidos contra o bando de rottweilers que morava na varanda do prédio vizinho.

“Não minta para mim, Desmond”, disse Lionel bem tranquilo. “Nunca minta para mim.”

“Não estou mentindo!”

“Você me disse que dava comida para os cachorros. E nunca me contou que dava molho de pimenta para eles!”

“Tio Li, eu não tinha dinheiro! Só estavam vendendo os frascos grandes e eles custam cinco libras e noventa e cinco!”

“Isso não é desculpa. Você devia ter roubado um vidro. Gastou trinta pratas, *trinta pratas*, na merda de um dicionário e não pode poupar uns trocadinhos para os cachorros?”

“Eu nunca na vida gastei trinta pratas!... Vovó me deu. Ela ganhou nas palavras cruzadas. Nas palavras cruzadas premiadas.”

“Joe e Jeff... eles não são bichinhos de estimação, Desmond Pepperdine. São ferramentas de trabalho para mim.”

O trabalho de Lionel continuava a ser um mistério para Des. Ele sabia que uma parte tinha a ver com a ponta mais arris-

cada da cobrança de dívidas; e sabia que uma parte envolvia a “venda” (a palavra usada por Lionel para a venda era *reativação*). Des sabia disso por uma lógica bem simples, porque a Extorsão Com Ameaças e a Receptação de Bens Roubados eram o motivo mais frequente das condenações de Lionel à prisão... Lá estava ele, Lionel, fazendo uma coisa que sabia fazer muito bem: disseminar tensão. Des o amava profundamente e mais ou menos de forma incontestável (*eu não existiria hoje se não fosse o tio Lionel*, dizia Des muitas vezes para si mesmo). Mas sempre se sentia ligeiramente indisposto na presença do tio. Não que se sentisse sem disposição. Mas indisposto mesmo.

“Voltou cedo, tio Li”, repetiu da maneira mais descontraída que pôde. “Por onde andou?”

“Cynthia. Não sei por que me agito tanto. Puxa, o *estado* daquela Cynthia.”

A loura espectral chamada Cynthia, ou *Cymfia*, como ele pronunciava o nome, era a coisa mais próxima de uma namorada de infância que havia na vida de Lionel, pois começara a dormir com ela quando a menina tinha dez anos (e Lionel nove). Ela também era a coisa mais próxima de uma namorada firme que Lionel tinha, pois a encontrava com regularidade — uma vez a cada quatro ou cinco meses. Sobre mulheres Lionel às vezes tinha a dizer o seguinte: *Dão mais encrenca do que valem, se quer saber minha opinião. Mulheres? Não ligo para isso. Não me preocupo com mulheres*. Des achava que isso provavelmente era muito bom: as mulheres deviam ficar bem contentes com o fato de Lionel não se preocupar com elas. Uma mulher o preocupava, na verdade — sim, mas ela preocupava todo mundo. Era uma beldade promíscua chamada Gina Drago...

“Des. Aquela Cynthia”, disse Lionel com um saciado olhar de esguelha. “Meu Deus. Até, eh, durante o, eh, você sabe, durante o outro, eu estava pensando: Lionel, você está desperdi-

çando sua mocidade, Lionel, vá para casa. Vá para casa, garoto. Vá para casa e assista a um filme pornô decente.”

Des levantou o Mac e ficou de pé com agilidade. “Pois é. Estou mesmo de saída.”

“Ah, é? Aonde você vai? Ver aquela Alekra?”

“Não. Encontrar uns amigos.”

“Bom, então faça alguma coisa útil. Roube um carro. Eh, sabe de uma coisa? Seu tio Ringo ganhou na loteria.”

“Puxa, não sabia. Quanto ele ganhou?”

“Doze libras e cinquenta. É um jogo de otários, a loteria, se quer saber minha opinião. Ah. Eu queria pedir uma coisa para você. Quando você sai por aí rodando de noite...”

Des estava parado segurando o Mac com as duas mãos, feito um garçom com uma bandeja. Lionel estava parado com as cervejas Cobra nas duas mãos, feito um caminhoneiro com sua carga.

“Quando você sai por aí, rodando de noite, você leva uma faca?”

“Tio Li! Você me conhece.”

“Pois é, mas devia. Para sua própria segurança. Vai acabar depenado. Ou coisa pior. Não existem mais brigas de socos, não em Diston. Só tem brigas de faca. Para matar. Ou com revólveres. Bem”, diminuiu o ritmo, “acho que não vão nem enxergar você no meio da escuridão.”

E Des apenas sorriu com seus dentes brancos e limpos.

“Pegue uma faca na gaveta quando sair. Uma daquelas de cabo preto.”

Des não foi se encontrar com amigos. (Não tinha amigos. E não queria amigos.) Foi sorrateiramente para a casa da avó.

Como sabemos, Desmond Pepperdine tinha quinze anos. Grace Pepperdine, que levava uma vida muito fatigante e dera à

luz muitos, muitos filhos, era uma mulher de trinta e nove anos razoavelmente apresentável. Lionel Asbo era um cara de vinte e um anos muito castigado.

Na poeirenta Diston (também conhecida como Diston Town ou, mais simplesmente, Town), nada — nem ninguém — tinha mais de sessenta anos. Numa tabela internacional de expectativa de vida, Diston apareceria entre Benin e Djibuti (cinquenta e quatro para homens e cinquenta e sete para mulheres). E isso não era tudo. Numa tabela internacional de índice de fertilidade, Diston apareceria entre o Maláui e o Iêmen (seis filhos por casal — ou por mãe solteira). Desse modo, a estrutura etária em Diston tinha uma forma estranha. Mesmo assim: Town não ia desaparecer.

Des tinha quinze anos. Lionel tinha vinte e um. Grace tinha trinta e nove...

Ele se curvou para abrir a tranca do portão, desceu aos pulos os sete degraus de pedra, bateu na porta. Escutou. Lá vinha o arrastar dos chinelos felpudos dela e, ao fundo (como sempre), a pureza melódica de uma canção dos Beatles. A predileta dela: “Quando eu tiver sessenta e quatro anos”.

### 3

A alvorada fervia de leve por cima do edifício inacreditável — a imensidão empilhada do Avalon Tower.

Na varanda protegida por uma cortina (o espaço de uma vaga de carro bem apertada), Joe estava deitado, sonhando com outros cachorros, cães inimigos, cães de caça diabólicos com olhos de pedras preciosas. Ele latia enquanto dormia. Jeff rolou o corpo para o lado com um suspiro feliz.

No quarto número um (do tamanho de uma quadra de squash com teto baixo e com uma distância considerável entre as

coisas, entre a porta e a cama, entre a cama e o guarda-roupa, entre o guarda-roupa e o espelho giratório independente), Lionel jazia sonhando com a prisão e com seus cinco irmãos. Estavam todos no supermercado, na fila para pegar chocolates.

No quarto número dois (do tamanho de uma generosa cama de casal com quatro colunas), Des jazia sonhando com uma escada que levasse para o céu.

O dia nasceu. Lionel saiu cedo com Joe e Jeff (negócios). Des ficou sonhando.

Agora fazia seis ou sete meses que ele vinha sentindo aquilo: as pontadas e os impulsos da inteligência dentro do seu ser. Cilla, mãe de Des, morreu quando ele tinha doze anos e durante três anos ele viveu numa espécie de transe, um sono de chumbo; tudo era dormência e saudades da mãe... Então ele despertou.

Começou a escrever um diário — e um caderno. Havia uma voz dentro de sua cabeça e Des escutava a voz e falava com ela. Não, ele comungava com ela, e comungava com os murmúrios de sua inteligência. Será que todo mundo tinha isso, uma voz interior? Uma voz interior que era mais perspicaz do que as próprias pessoas? Des achava que provavelmente não. Então, de onde vinha aquilo?

Des verificou sua árvore genealógica — sua Árvore Pessoal do conhecimento.

Bem, Grace Pepperdine, a vovó Grace, não havia cumprido lá muito bem sua formação escolar. Por motivos óbvios: com dezenove anos, era mãe de sete filhos. Cilla nasceu primeiro. O resto eram meninos: John (agora pedreiro), Paul (capataz), George (bombeiro hidráulico), Ringo (desempregado) e Stuart (escrivão pobre). Como se esgotaram os nomes dos Beatles (inclusive Stuart Sutcliffe, o Beatle “esquecido”), Grace batizou

furiosamente seu sétimo filho com o nome de Lionel (em homenagem a um herói muito inferior, o coreógrafo Lionel Blair). Lionel Asbo, como ficaria conhecido mais tarde, era o mais jovem de uma família muito numerosa, comandada por uma mãe solteira que mal tinha idade para votar.

Embora fizesse as palavras cruzadas do *Telegraph* (não as de iniciante, mas as enigmáticas — Grace tinha um dom misterioso para aquilo), não era muito forte no quesito pensamento. Cilla, por outro lado, *era inteligente feito um monte de macacos*, segundo as palavras de Lionel. “*Dotada*”, diziam. *A primeira da turma em todas as matérias e sem fazer força. Então ela foi expulsa com você. Estava grávida de seis meses e estava lá sentada para fazer o exame de admissão. E ainda assim passou. Mas, depois disso, você veio, Des, e aí acabou-se.* Cilla Pepperdine não deu à luz outros filhos, mas continuou a viver e teve uma juventude tumultuada, como era humanamente possível com um bebê em casa — um bebê, depois uma criança que engatinhava e depois um menino.

O que ele sabia a respeito do pai? Muito pouco. Uma ignorância que compartilhava com Cilla em grande escala. Mas todo mundo sabia o seguinte sobre o pai: era negro. Daí a cor resinosa de Desmond, *café crème*, com a sombra de algo mais escuro. Pau-rosa talvez: de granulação compacta e exalando um aroma característico. Era um jovem de perfume doce e constituído com graça, dentes regulares, entre o branco e a cor do hortelã, e olhos enlutados. Quando sorria diante do espelho, sorria com tristeza para o fantasma de seu pai — para o fantasma do genitor desaparecido. Mas, no mundo em andamento, só o viu uma vez.

Eles estavam subindo pela Steep Slope de mãos dadas, Des (sete anos) e Cilla (dezenove anos), depois de uma farra no parque de diversões em Happy Valley, quando de repente ela disse:

“É *ele!*”

“Quem?”

“Seu pai!... Olhe. Ele é você!... Boca. Nariz. Meu Deus!”

Vestido muito pobremente e calçado de forma chocante, o pai de Des estava num banco de metal, reclinado entre uma mochila amarela emporcalhada e cinco frascos vazios de Strongbow. Durante alguns minutos, Cilla tentou levantá-lo com sacolejos violentos e beliscões com as unhas e, no fim, com tabefes alarmantemente ressonantes, desfechados com a parte chata da mão.

“Acha que ele está *morto?*” Cilla se abaixou e encostou a orelha no peito do homem. “Isto às vezes dá certo”, disse, e com ardor, com demora, beijou os olhos dele... “Não adianta.” Pôs-se de pé e deu no pai de Des um último bofetão ensurdecedor. “Deixe para lá, vamos embora, querido.”

Pegou a mão dele e afastou-se depressa, e Des andou a seu lado aos tropeções, com a cabeça ainda rodando ferozmente.

“Tem certeza que era ele, mãe?”

“Claro que tenho. Não se faça de engraçadinho!”

“Mãe, pare! Ele está acordando. Vá beijar os olhos dele de novo. Ele está se mexendo.”

“Não. É só o vento, meu querido. Eu bem que queria perguntar uma coisa para ele. Queria perguntar qual é o nome dele.”

“Você disse que o nome dele era Edwin!”

“Era só um palpite, meu bem. Você me conhece. Consigo lembrar um rosto... mas um nome eu não lembro. Ah, seu bebê chorão. Não...” Ela se curvou para ele. “Escute. Desculpe, meu anjo. Mas o que é que eu posso dizer? Ele chegou e foi embora na mesma tarde!”

“Você disse que durou uma semana inteira!”

“Ah, não. Não, querido. Assim você parte meu coração... Escute. Ele era bom. Era gentil. Foi dele que você recebeu sua religião.”



“Não sou religioso”, disse o menino, e assoou no pano que a mãe apertava em seu nariz. “Detesto igreja. Só gosto das histórias. Dos milagres.”

“Bem, foi dele que veio a sua delicadeza, meu amor. Não foi de mim.”

Assim Des só viu o pai uma vez (e Cilla, ao que parece, só o viu duas vezes). E nenhum dos dois jamais poderia imaginar como esse encontro se tornaria algo martirizante na memória de Desmond. Também ele, num intervalo de cinco anos, iria tentar com todo empenho despertar uma pessoa — despertar uma pessoa, trazer uma pessoa de volta...

Foi só um escorregão, foi só um pequeno escorregão, foi só um pequeno escorregão no chão do supermercado.

Assim Des (agora se erguendo da cama, na grande cidadela) — Des pensou que seria imprudente atribuir qualquer grande acuidade, qualquer grande intelecto a seu pai. Então quem era a fonte daqueles murmúrios, daqueles deliciosos discursos, semelhantes a explosões solares, que executavam seus movimentos dentro da mente de Des? O Velho Dominic — ele era a fonte.

O vovô Dom mal tinha completado a escola primária quando engravidou a vovó Grace com Cilla. Mas quando ele voltou (e ficou em casa tempo suficiente para engravidá-la de novo, com Lionel), já estava na Universidade de Manchester, estudando economia. *Universidade*: seria difícil exagerar a reverência e a frequência com que Des murmurava essa palavra. Sua tradução pessoal para ela era o *único poema*... E ele queria aquilo. Queria a *universidade* — queria o único poema.

E o engraçado era o seguinte. Cilla e Lionel eram conhecidos na família como “os gêmeos”, porque eram os únicos filhos que tinham o mesmo pai. E Des acreditava que Lionel (apesar

de seu curriculum vitae aterrador) partilhava secretamente o discernimento do Velho. A diferença, pelo visto, era de atitude. Des amava aquilo, a inteligência dele; e Lionel detestava. Detestava? Bem, estava claro como o dia que ele sempre tinha combatido aquilo e se orgulhava de ser estúpido de propósito.

Quando Des ia à casa da avó, estava sendo estúpido de propósito? E será que ela também fazia isso... quando o deixava entrar? Depois da noite fatídica, veio a manhã fatídica...

*Fiz um leite para você, disse a avó na porta.*

Ela se virou. Ele a seguiu. Grace tomou posição na cadeira de balanço junto à janela, com seus óculos de vovó (aros redondos de metal), sua cara sem maquiagem, curvada com ar de penitência sobre as palavras cruzadas do *Telegraph*. Depois de um tempo, disse:

*Preso frequentemente, estou indo para o leste no último minuto. Dois, três, quatro, dois, quatro... Na hora H.*

*Na hora H. Como você resolveu esta?*

*Preso frequentemente — na hora H. Estou... estou indo para o leste. No último minuto. Na hora H. Des. Você e eu. Nós vamos para o Inferno.*

Dez minutos depois, no sofá baixo, ela disse: *Contanto que ninguém fique sabendo. Nunca. Que mal faz?*

*É. E afinal de contas, aqui por estas bandas não é considerado tão ruim assim.*

*Não, não é. Tios e sobrinhas. Pais e filhas por tudo quanto é lado.*

*E no Tower tem aquele casal de gêmeos que vive em pecado... Mas você e eu... Vovó, acha que é ilegal?*

*Não me chame de vovó!... Talvez uma infração. Porque você ainda não fez dezesseis anos.*

*Sei, que nem multa, não é? Sei, você deve ter razão, sim. Grace. Mesmo assim...*

*Mesmo assim. Tente ficar longe, Des. Mesmo que eu chame... Trate de ficar longe.*

E ele tentou mesmo. Mas quando ela pediu, ele foi, como que magnetizado. Ele voltou — voltou para a pantomima de queda livre na perdição.

“O papel principal do ponto e vírgula”, leu Des em seu *Concise Oxford Dictionary*, “é assinalar uma separação gramatical de efeito mais forte do que uma vírgula, mas menos forte do que um ponto final.”

Des sentia o peso do livro no colo. Era seu bem de maior valor. Sua sobrecapa de papel era azul-*real* (“vivo, encorpado”).

“Também se pode usar o ponto e vírgula como uma divisão mais forte numa frase que já contém vírgulas:

O que me deixava assustada? Era minha avó, que olhava de cara feia para minha afeição infantil e a transformava numa formalidade e numa cortesia fria; ou era minha mãe piedosa, com seu cuidado patológico; ou era meu tio sem espinhas, que, apesar de numerosas afrontas e injúrias, revelou-se incapaz de sequer...

Des ouviu o latido dos cachorros. Não estavam latindo exatamente, ele se deu conta: estavam praguejando (e os rottweilers da varanda, de modo débil e quase choroso, àquela distância, praguejavam também em resposta).

*Cai fora!*, berrou Joe (ou Jeff). Era quase um monossílabo. *Cai fora!... Cai... Cai... Cai fora!*

*Cai fora!*, berrou Jeff (ou Joe). *Cai fora!... Cai... Cai... Cai fora!*